

Discurso e subjetividade nas escolhas pré-definidas de *streamings* de vídeo

Adair Bonini

Universidade Federal de Santa Catarina – adair.bonini@gmail.com

INTRODUÇÃO

A mediação, entendida como um entremeio na realização das práticas comunicativas (MACLUHAN, 1964; DEBRAY, 1993), está cada vez mais presente na vida cotidiana: **formulários eletrônicos** (Lattes, Sucupira, Orcid, e-Mec...); **aplicativos operacionais** (SouGov, Uber, Wase, GoogleMaps...); **aplicativos de relacionamentos** (Tinder, Grindr...); **redes sociais** (Facebook, Instagram, X, TikTok...); **aplicativos de comunicação** (GoogleMeet, Whastapp, Telegram, Messenger...); **streamings** (Spotify, Deezer, Netflix, Prime...).

A convergência de mídias (p. ex., integração da câmera digital com o Facebook) nos **recoloca** toda a questão das relações de poder e das desigualdades bem como da forma do ensino de linguagens.

Cada nova mídia nos impõe outro modo de agir e de ser, nos interpela de forma muito distinta; e, nesse caso das mídias digitais, potencialmente de forma mais desigual se comparado às mídias convencionais eletrônicas (de base analógica).

METODOLOGIA

Mídiação: a) como um objeto linguístico-discursivo, ao lado da língua, do gênero e do próprio discurso; b) como um texto e um discurso que se interpõe na realização da prática social.

Mídia: “tecnologia de mediação da interação languageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação [que] pode ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem” (BONINI, 2011, p. 688).

Duas considerações: a) Agamben (2005) inclui as mídias entre os dispositivos que recortam as subjetividades (p. ex., o celular), e convoca a um movimento de profanação do dispositivo; b) a afirmação de Paveau (2016) de que a interação digital envolve “ambientes” é ilustrativa, mas há vantagens em manter o conceito de mídia (interface operacionalizada por alguém).

Método de pesquisa: análise textual-discursiva.

Material de análise: instantâneos de telas de um serviço de *streaming* de vídeo – o Netflix.

Objetivo: analisar essa mídia a partir de três aspectos:

- a) a organização do gênero, principalmente em termos de uma gramática das escolhas postas no menu;
- b) o discurso, em termos do léxico, das expressões e dos temas mobilizados;
- c) as atividades materiais, em termos das coerções fisiomidiáticas postas para o/a espectador/a.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ii) ORGANIZAÇÃO DA MÍDIA *STREAMING* (O NETFLIX)

Hipergênero
midiador

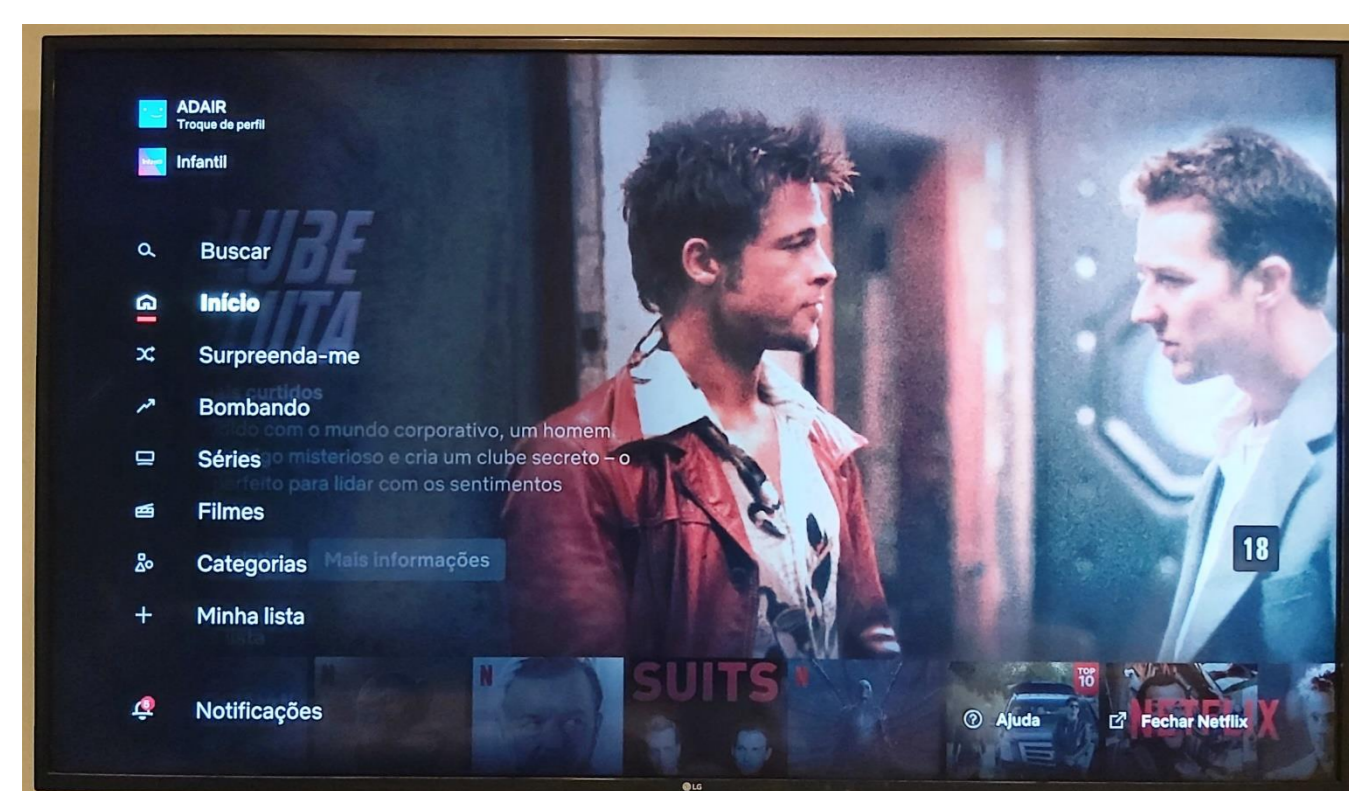
- Gêneros de organização: acesso, menu, busca, sugestão do sistema, notificação, categoria e sinopse
- Gêneros de funcionamento: série, filme

Menu

- operacional: busca, sugestão, categorias, minha lista, notificações
- de categorias: início, bombando, séries, filmes

Categorias

- Operacional: minha lista; continuar assistindo como Adair;
- Sugestão: Principais escolhas para Adair; Porque você viu Suburra: sangue em Roma
- Tipo de mídia: Ultra HD 4K
- Recência: Lançados nos últimos 12 meses; Lançamentos
- Popularidade: Em alta; Mais assistidas várias vezes pelos assinantes; Populares no Netflix
- Temas em evidência: Questões sociais do século 21; Elas dominam a tela; Mulheres contra o crime; Histórias LGBTQ;
- Gêneros: Comédia com drama; Dramas europeus políticos para a TV; Séries policiais dos Estados Unidos; Criminosos implacáveis – séries; Séries cômicas espirituosas; Dramas emocionantes.



ii) DISCURSO

Diferente dos serviços tradicionais que dispunham os vídeos em gêneros, no *streaming* há todo um amplo espaço para discursivizar. Só no item “início” do menu, estão disponíveis 40 categorias. Os aspectos que marcam esse discurso são:

a) Ordem dos comandos:

- série, por exemplo, vem no menu antes de filme (conferindo maior importância e evidência à série como foco da indústria cultural estadunidense)
- Ainda precisaria saber que papel o algoritmo joga no ordenamento das categorias móveis, não sendo o de mero acaso.

b) O tom das categorias:

- grandiloquente (Criminosos implacáveis - séries; Séries cômicas espirituosas; Séries com mulheres fortes);
- com um detalhe intrigante (Dramas europeus políticos para TV; Ficção científica futurista; Séries premiadas para maratona).

c) O critério de qualidade:

- a recência (Lançados nos últimos 12 meses; Lançamentos);
- a popularidade (Mais assistidas várias vezes pelos assinantes; Populares na Netflix; Brasil: top 10 em filmes hoje).

d) O tema enfocado:

- o tema da diversidade (Histórias LGBTQ; Séries com mulheres fortes; Elas dominam a tela; Questões sociais do século 21).

Trata-se de um discurso da escolha (em plano ostensivamente individual) centrado no hedonismo midiático (a grande emoção) e em fragmentos de ilustração (os temas “renovadores” da atualidade e as extensões dos rótulos das categorias que colocam uma miríade de temas e subdivisões).

iii) COERSÕES FISIOMIDIÁTICAS

Sobreposições (com determinante de uma mídia – v. fig. abaixo):

- Mídia sobre mídia (abas)
- Tevê
 - Streamings; Internet; Loja de apps

Partições/coordenadas:

- Em um streaming
- perfil
 - menu
 - seções



Coerções pontuais:

- “Continuar assistindo” não é o primeiro comando: (em “início”) minha lista, lançados nos últimos 12 meses, continuar assistindo; (em “séries”) minha lista, séries aclamadas pela crítica, continuar assistindo; (em “filmes”) minha lista, populares na Netflix, em alta, filmes emocionantes, ação e aventura, comédia, continuar assistindo;
- Tela congela e começa a passar chamadas de filmes;
- Filme começa sem clicar em assistir;
- Passagem para o próximo episódio sem que se peça;
- Tempo do filme/série em exibição é limitado (no caso do Netflix, implicitamente);
- Sobreposição de imagens em vários planos.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante um discurso que dissimula os fatos, chega-se quase que ao mesmo resultado da tevê eletrônico-analógica (o privilégio da diversão superficial), mas aqui piorado pelo discurso de que é o espectador que escolhe. A empresa se liberta das tradicionais críticas do direcionamento, do empobrecimento da cultura, da manipulação em seu favor.

trata-se de um novo discurso e uma nova subjetividade do consumo de cultura, mas que mantém as mesmas hierarquias de poder e as mesmas desigualdades.

A ação política reivindicatória/transformacional pode focar na mudança global e/ou em adentrar pelas frestas do sistema. Na resistência a algo tão fundante da realidade atual, contudo, há que se ter em conta que sempre corremos o risco de nos quixotearmos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *Outra Travessia*, Florianópolis, n. 5, 2005.
- BONINI, Adair. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.
- DEBRAY, R. *Curso de midialogia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993
- MACLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)*. São Paulo: Cultrix, 2002 [1964].
- PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do Discurso Digital*: dicionário das formas e das práticas. Org. Júlia Lourenço Costa, Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.